

certa regularidade, noutras partes de o *Circo encantado*, exigindo do leitor atenção detida, para melhor entendimento das intenções do poeta no desenvolvimento desse jogo de impressões sacadas da memória. Incluem-se nessa faixa, dentre outros, os poemas "Amor na matriz de nossa senhora do amparo" e "Cantiga de ninar para a cidade da beira do rio".

Toda a singularidade da poesia de Barros Pinho está firmada no processo que poderíamos denominar de "sintaxe dos significantes". Com a desorientação do curso ideativo lógico, as impressões reconstituídas pela memória são redimensionadas dentro de relacionamentos espaciais correspondentes, estabelecendo-se o equilíbrio interno do absurdo ou do visionário em projeções invariavelmente encantatórias. Para compreender tudo isso, não bastará apenas ver o *Circo encantado*, fazendo-se necessária também a leitura de *Planisfério*, livro de estréia de Barros Pinho.

BARROS PINHO, POETA

FRANCISCO CARVALHO

José Maria Barros Pinho é poeta. E nem carece de adjetivos. É poeta de forte personalidade, um lírico de grande estatura. E talvez por isso mesmo escapa a qualquer tentativa de definição. Ninguém melhor que o poeta se define a si mesmo. A poesia já é em si mesma uma definição. Uma opção de verticalidade. Uma vocação iluminadora. Barros Pinho é desses poetas que usam a palavra como o oleiro usa o barro. A vida é, na realidade, o grande instrumento de sua cosmogonia poética. O texto é para ele uma forma de vida. Um meio de aglutinar os múltiplos aspectos da realidade fragmentária. Talvez se pudesse falar de sua poesia como estando impregnada de certo vitalismo estético. Porque Barros Pinho é o antípoda do lírico endomingado trescalando a mofo e metafísica. É, pelo contrário, um poeta ensolarado, até mesmo quando calça as botas da elegia. Ele transita da realidade para a surrealidade sem perder a consciência da individualidade mítica que lastreia a aparente indigência da palavra. E poesia é palavra em estado de parábola. Poesia é palavra em crise, palavra que o coração aprende de novo pela boca dos ancestrais. Barros Pinho não é certamente um carpinteiro da linearidade encantatória. Praticamente ignora o verso-padrão, o verso com cesura, o verso espartilhado dos estetas estáticos. Diria mesmo que em lugar do verso ele pratica o in/verso. Baniu por inteiro o isossilabismo. Para ele a conta já não conta. O verso deixou de ser um fim em si. Uma realidade fonética com bastante autonomia e quase sempre nenhuma poesia. Barros Pinho faz do texto o pre/texto do poema. A palavra é o permanente desafio deste poeta tão cheio de preocupações existenciais. Este livro é, todo ele, um testemunho de

verdades fundamentais que o Poeta incorporou à sua existência. Nesta ordem de coisas, o rio de sua infância não é apenas paisagem, porque "o rio encheu / os olhos do menino / só de espanto". Do mesmo modo é o que acontece com o velho catavento. O Poeta o vê não como um elemento da paisagem, como um instrumento primário de funções nitidamente econômicas. Para ele o catavento é um "digno filósofo / sobre a borda / do poço / (que) vive a vaga / vida do vento / só na solidão / técnica do tempo / rústica rosa / dos ventos / marca o mistério do mundo".

Este Poeta sabe tirar partido da concretude das coisas. À maneira de Fernando Pessoa, ele pode dizer que "a espantosa realidade das coisas é a sua descoberta de todos os dias". Ele sabe que o homem está impregnado do mistério de tudo. Não ignora que "em tudo a vida é cúmplice". Também não lhe escapa que "a vida vai se consumir no tempo". Talvez por isso mesmo, "de novo comigo a solidão / a cara mais displicente do mundo". Esta consciência da solidão é que responde por um dos mais belos poemas deste livro. Diz assim: "o rio Parnaíba / devia correr / perto de mim / quando me sentisse / só / devia estar / perto de mim / rio manhoso / leva e lava / minha solidão". A sua expressividade poética não se limita às formas tradicionais da sintaxe lírica. À simetria prefere o assimétrico. Ao verso-bem-comportado, o verso-joão-ninguém. O verso sem gravata e colarinho duro. O verso sem casaca e flor à lapela.

Já se falou aqui do gosto do Poeta pelo surreal. A cada instante esbarramos em versos como estes: "carrego madrugada / no canto dos olhos / nos meus ombros / depositaram noites / que não querem ser dia. / No princípio / era o verbo / verde vento / do paraíso". Outro aspecto surpreendente neste Poeta é a sua maneira nova de cantar o amor. Os seus poemas de amor nada têm da odorífera grandiloquência salomônica. São poemas completamente despojados, em que predomina a sintaxe do sintético. O elemento lúdico é outro dos grandes esteios de sua poemática, inclusive a amorosa. As suas metáforas em relação ao amor e à mulher não pretendem transcendentalizar o que de real possa existir em ambos.

*lá vem josefina
de braço com a ternura
no corpo a serpente
de cabeça dourada
expõe o vaso de veneno.*

Assim são os seus poemas de amor. Fortes como a terra molhada. A terra fecundada pelo céu. "A palavra não basta / para teu corpo macio / plantado no pelo da cana", diz o Poeta com plena consciência do seu ofício. Ele sabe que a palavra não se basta. Por isso freqüentemente recorre à linguagem figurada: "tenho dois quilômetros / de distância / entre meus olhos / e as mãos que te esperam / tenho o espaço do mundo / o pulso da noite / o recado da sombra / uma sala na lua / só para teu sonho".

Barros Pinho é cada vez mais Poeta. Os seus livros revelam que ele tem conseguido uma extraordinária progressão em termos de qualidade do produto literário. E o mais surpreendente em tudo isso é que tendo escolhido a carreira de técnico de administração, ele fez deliberadamente a sua opção pela Poesia. Opção que, sem dúvida alguma, lhe deve ter custado bastante caro. Mas não é isso o que importa no momento. O que importa agora é saudar este Poeta como um dos valores mais expressivos de sua geração. Poeta que tem plena consciência da destinação que lhe coube. Destinação de que ele se desincumbe com absoluta humildade, pois não ignora que a poesia é a letra do nosso tempo. E sua profissão de fé, como Poeta e como Homem, está plenamente justificada nestes versos: "a minha solidão / me comporta / por inteiro".

MESOFÁCIO *

EUSÉLIO OLIVEIRA

a palavra atravessa os condutos do desenvolvimento humano sem perder os elementos constitutivos e essenciais de matéria-prima, isto é, de argamassa verbiótica, basificando o edifício/universo da comunicabilidade entre o ser e seu habitat social.

efetiva o compromisso ideogramático para identificar o gesto e a opção. é ponte de ligação entre o arquipélago comunitário e o continente unívoco do conhecimento. é bigorna que molda o ferro incandescente da extrospecção íntima transformando-a em lingotes de diálogo.

signo articulado. aproximação. identidade. soma atomizada da unidade eu/nós. e esse pólo bilateral se consolida na presente obra literária como um depoimento pautado no princípio/verbo e fim/verso. poesia imune de imitacionismo. anti carbono.

construção poética despida de arcos e capitéis comuns no subjetivismo barroco daqueles que omissos do processo cultural procuram impressionar a sensibilidade piegas dos semelhantes. poesia despida de adereços natalinos, livre da embalagem verbal presa aos laços coloridos do habitual, isto é, do ilusionismo mágico da mentira confeitada.

josé maria barros pinho não faz do poema um passatempo predileto da elite supe(r)ada, mas produto inventivo do sensível apreendido. autor fiel ao sentido permanente e mutável das coisas, não adultera o sentido maior do aprendido, transformando o símbolo poético em cipó para o vôo circense do

* Mantivemos a grafia mas não a diagramação do original.